

Uma pátria com muitas línguas

António Massano

A 30 DE NOVEMBRO de 1935, numa cama do Hospital de S. Luís dos Franceses, Fernando Pessoa escrevia, em inglês, as suas últimas palavras: «Não sei o que trará o amanhã» (I know not what tomorrow will bring). Já em Junho de 1914, confidenciava numa carta à mãe: «Que serei eu daqui a dez anos — de aqui a cinco anos mesmo? Os meus amigos dizem-me que eu serei um dos maiores poetas contemporâneos — dizem-no vendo o que eu tenho já feito, não o que poderei fazer (se não eu não citava o que eles dizem...). Mas sei eu ao certo o que isso, mesmo que se realize, significa? Sei eu a que isso sabe? Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade e o triunfo cheire a podridão.»

Depois, sobretudo muitos anos depois, é o que se sabe em torno dele e da sua obra: teses, colóquios, encontros, seminários, congressos, estátuas, homenagens, números monográficos de revistas, etc., etc. Dele, um sem-número de leitores, tradutores, admiradores, imitadores, e até abutres. E um sem-número de contagiados pela «febre» pessoana.

Monges trapistas, zenbudistas e cistercienses

Em 1965, a Abadia de Nossa Senhora de Gethsemani divulgava, em inglês, doze poemas de «O guardador de rebanhos», traduzidos pelo bem conhecido monge trapista Thomas Merton, que assim se lhe referiu: «Fer-

nando Pessoa é uma figura curiosa e original dos princípios do século XX (...) Pessoa-Caeiro deve ser considerado entre os escritores ocidentais que têm afinidade com a visão Zen — 'a capacidade para um estado de consciência absoluta'. Curiosamente também, Pessoa concitou, na Holanda, o entusiasmo da seita de Bhagwan que, quicá pela sua faceta zenbudista, o tomou como «pai espiritual», fazendo da sua obra o seu «livro vermelho».

E a Abadia cisterciense de Royaumont, nas imediações de Paris — fundada em 1228 por S. Luís, rei de França — reuniu, em 1986, muitos admiradores seus, em torno do lema «Navegar é preciso, viver não é preciso...». Na ocasião, escreveu Robert Bréchon: «Ele nasceu sozinho em Lisboa, mas será aí que muitos vão morrer: Caeiro, Reis, Campos, Soares, Mora, Guedes, Baldaya, Search. Rimbaud, Nietzsche e Kafka seguiram o seu caminho; mas Pessoa seguiu três, quatro, dez, vinte caminhos (...) Van Gogh, Nietzsche, Kafka, Flaubert, Rimbaud... Pessoa é da

família... Pessoa faz eco de todos eles.»

Por entre povos de língua castelhana

Em países de língua espanhola, conta com «devotos» tão conhecidos como o autor de Cem Anos de Solidão, Gabriel García Márquez, e o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz: «A primeira vez que ouvi falar de Pessoa foi em Paris, numa noite de Outono de 1958. Tinha jantado com uns amigos, numa casa do Marais; um dos presentes, Nora Mitrani, pediu-me a opinião sobre o 'caso Pessoa' (...) Vieira da Silva emprestou-me a Obra Poética (...) Nora Mitrani morreu há alguns meses; creio que a teria deixado contente saber que essa conversa de 1958 despertou uma paixão: Fernando Pessoa» (palavras de 1961).

Em Espanha, entre muitos outros, fazem parte dos seus incondicionais, Gerardo Diego, Gonzalo Torrente Ballester, Ángel Campos Pampano, Ildefonso Manuel Gil, Rafael Santos Torroella, J.L. García Martín e Pablo del

Barco. Há, contudo, que não esquecer José António Llardent, recentemente falecido, e Ángel Crespo, que colabora neste número do EXPRESSO com o artigo «Pessoa e eu». Até o grupo andaluz de Vicente Soto prestou, em 1986, a sua homenagem ao poeta português com o disco Pessoa flamenco, patrocinado pela Rádio Nacional de Espanha.

Por sua vez, no México, para além de Paz, têm-se dedicado à obra pessoana Gabriel Zaid e Francisco Cervantes, tendo este último traduzido, há pouco, a biografia de Pessoa por João Gaspar Simões; na Venezuela, temos Santia-

go Kovadloff e na Argentina, Rodolfo Alonso.

Brasileiros escritores, actores e músicos

No Brasil... levaria tempo a anunciar todos os pessoanos, mas lá estão Manuel Bandeira («esse grande amigo de todos nós que é Fernando Pessoa»), Cecília Meireles («F. Pessoa é o caso mais extraordinário das letras portuguesas»), e Murilo Mendes: «Estamos diante de um dos maiores acontecimentos literários e artísticos deste século (...). Não conheço lucidez tão grande em nenhum outro poeta (...). Querido Fernando Pessoa: ao lado de Camões, de Antero, de António Nobre, de Villon, de Baudelaire, de Rimbaud, tu estás connosco... com os poetas encarrega-

dos de transmitir através dos séculos a vocação transcendente do homem». Carlos Drummond de Andrade disse, respondendo à já clássica pergunta sobre que poemas levaria para uma ilha deserta: «Não levava nenhum, não. Levava Baudelaire, Fernando Pessoa, Whitman, Verlaine». E o

mesmo Drummond: «Que levava (leva) no bolso / Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa: / irónico bilhete de identidade, / identity card / válido por cinco anos ou pela eternidade?»

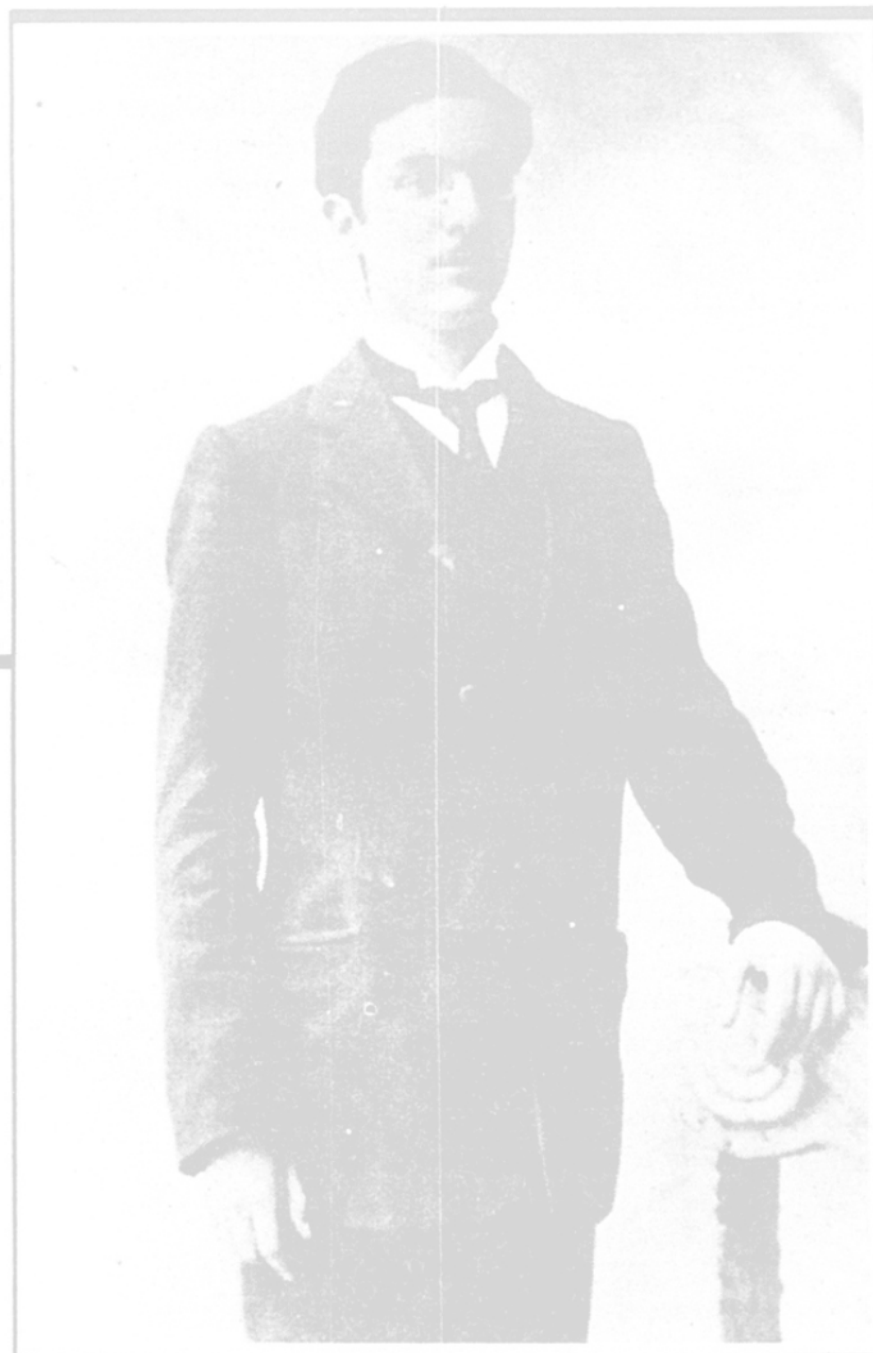
Admiram-no também, na pessoa do actor Tony Ramos, os protagonistas da telenovela Baila comigo. Canta-o Raimundo Fagner, di-lo Paulo Autran. E esgota-se bem depressa o disco A música em Pessoa, com temas de António Carlos Jobim, Milton Nascimento, Dorival Caymmi e outros. Muitos lhe têm dado a sua atenção: Leyla Perrone-Moisés, Alexandrino Severino, Carlos Filipe Moisés, Catarina Edinger, Joaquim-Francisco Coelho, Cleonice Berardinelli, Massaud Moisés e João Alves das Neves. O IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, realizado em finais de Abril, em terras brasileiras, congregou mais de 800 participantes.

«O genial português»

Pessoa soma, Pessoa segue: até a cantora Patti Smith declarou, por ele, o seu encanto.

Em França, Pierre Rissient fez o filme Cinq et la Peau, parcialmente inspirado em poemas de Pessoa, cuja obra é, para ele, «uma das mais incómodas dos últimos anos».

O poeta e crítico Alain Bosquet foi terminante: «Os maiores poetas do mundo? S. Francisco de Assis para o passado, Fernando Pessoa para os tempos modernos.» Há um lusófilo ao qual muito se deve a penetração de



Verlag, está mesmo a tornar-se um «Kultbuch», um livro de culto, uma bíblia efêmera, como escreveu Peter Hamm do «Die Zeit». Sob o título de Das Buch der Unruhe, foi o «livro do mês» escolhido pela Academia de Língua Alemã e chegou a estar em número 2 na lista dos «best-sellers», apenas ultrapassado pela tradução alemã do Amante de Marguerite Duras.

O artigo de Peter Hamm — que realizou para a televisão alemã um extenso documentário sobre Pessoa a propósito da edição em alemão dos poemas de Álvaro de Campos — intitulava-se No labirinto do Eu e, em subtítulo, punha uma citação de

Documento da identidade moderna

(Continuação da pág. 33-R)

«O uso mínimo de imagística nos poemas de Pessoa, o transporte do discurso poético para o abstracto, levantam dificuldades específicas para um público inglês», reconhece Hélder Macedo.

Esta opinião é partilhada por John Pilling, organizador de An Introduction to Fifty Modern European Poets, publicado pela anglo-australiana Pan Books, que, considerando Pessoa «o mais múltiplo de todos os poetas modernos», coloca reticências sobre a qualidade da sua poesia em inglês.

Em Janeiro de 1987 um pequeno teatro de Colónia organizou numa sexta-feira à

noite, às 23.30, uma leitura encenada de textos de Fernando Pessoa. Devido à hora insólita, os organizadores esperavam que comparecesse pouca gente, apenas umas dezenas de «habitues» de sessões literárias. Em vez

disso, o teatro encheu a abarrotar e a sessão teve de ser repetida. E não para os «habitues» literatos. A esmagadora maioria do público era constituída por jovens como Bettina Quabeck, uma jovem antropóloga de 28

anos, que afirmou ao EXPRESSO que gostava de Pessoa porque «ele reflecte a desorientação ou talvez antes a falta de orientação da sociedade alemã dos nossos dias».

Aquilo que o público an-

glo-saxónico menos pode apreciar em Pessoa, a sua doentia introspecção, é justamente a razão do súbito êxito do poeta na Alemanha. O Livro do Desassossego, publicado em 1985 pela editora de Zurique, Ammann

EXPRESSO, SÁBADO, 4-JUNHO-1988

Pessoa no mundo — Pierre Hourcade —, que ainda o conheceu: «Nunca, depois de me despedir dele, me atrevi a olhar para trás; tinha medo de o ver desvanecer-se, dissolvido no ar.» E foi também Hourcade que, pela primeira vez, falou dele a Armand Guibert, que, por seu lado, o classificou de «o genial português». E passamos novamente a palavra a Pierre Hourcade: «Fernando Pessoa é o poeta-polvo (...). Julgava-o pequeno, melancólico e amorenado, preso ao funesto encanto da 'saudade' com que se intoxica toda a sua raça — e esbarro subitamente com o olhar mais vivo, um sorriso firme e malicioso, um rosto transbordando de vida secreta.» O próprio Hourcade presta a sua homenagem a Guibert: «Armand Guibert tem sido um incansável, um perfeito servidor da amizade e da admiração por Fernando Pessoa (...). Armand Guibert, o mais tenaz, o mais fervoroso e eficaz paladino da causa de Pessoa perante a opinião internacional.»

Resta citar Rémy Hourcade, Hector Bianciotti, Robert Bréchon (um dos encarregados da edição da obra de Pessoa para a Christian Bourgois), e Georges Güntert.

Para a língua inglesa, temos Jonathan Griffin, Edwin Honig, F.E.G. Quintanilha e Peter Rickar. Em alemão, Georg Rudolf Lind, evidentemente. E, em Itália, Luigi Panarese, Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, sem esquecer, é claro, António Tabucchi. Muitos nomes — e im-



Com a família, em Durban: «Serei compreendido só em efígie»

portantes — ficaram por mencionar.

Nas Caraíbas, na África

Mas Fernando Pessoa salta fronteiras atrás de fronteiras. O poeta Aimé Césaire disse um dia a Armand Guibert: «Sabia que na Martinica só se fala de Fernando Pessoa?» Noutro escritor, africano, Léopold Sédar Senghor, tem o poeta um admirador.

Muitas paixões, muitos fascínios.

Mas já é hora de darmos a palavra a Pessoa, que tem algo para contar, em o Livro do Desassossego: «Posso orgulhar-me, como de um filho, da fama que terei, porque, ao menos, tenho com que ater. E quando penso isto, erguendo-me da mesa, é

com uma íntima majestade que a minha estatura invisível se ergue acima de Detroit, Michigan, e de toda a praça de Lisboa.»

E estoura passagem: «Penso às vezes, com um deleite triste, que se um dia, num futuro a que eu já não pertencço, estas frases, que escrevo, durarem com louvor, eu terei em fim gente que me 'compreenda', os meus, a família verdadeira para nela nascer e ser amado. Mas, longe de nela eu ir nascer, terei já morrido há muito. Serei compreendido só em efígie, quando a afeição já não compense a quem morreu a só desafeição que houve, quando vivo.»

«Talvez compreendam que cumpri...»

«Um dia talvez compreendam que cumpri,

como nenhum outro, o meu dever-nato de intérprete de uma parte do nosso século; e quando o compreendam, hão-de escrever que na minha época fui incompreendido, que infelizmente vivi entre desafeições e friezas, e que é pena que tal me acontecesse. E o que escrever isto será, na época em que o escrever, incompreendedor, como os que me cercam, do meu análogo daquele tempo futuro. Porque os homens só aprendem para uso dos seus bisavós, que já morreram. Só aos mortos sabemos ensinar as verdadeiras regras de viver.»

E rematemos com as palavras de Pessoa, em carta à mãe, citadas no início: «Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade, e o triunfo cheire a podridão.»

Pessoa: «Deus não é uno — como poderia eu sê-lo?»

É esta personalidade estilizada que torna Pessoa fascinante para os alemães, justifica o Professor Reiner Hess, catedrático da Universidade de Freiburg, porque talvez seja esse o sentimento de fundo de muitos leitores. A «Unruhe», o «desassossego» geral, a inquietação, a sensação de caos e confusão que traduzem uma crise de identidade cultural é colectiva na Alemanha encontraram em Pessoa um intérprete de eleição. O «Reinische Merkur», de Düsseldorf, chama a Pessoa «um documento da identidade moderna».

O professor Georg Rudolf Lind, a quem cabe o inegável mérito de ter sido o principal divulgador de Pessoa na Alemanha e na Áustria, traduzindo e editando o poeta desde 1962, justifica esta explosão de súbito interesse pelo facto de «o tempo já estar maduro para descobrir Pessoa. O tradicional pendor dos alemães para a reflexão sobre si e o mundo — reflexão se possível exaustiva — também pode explicar porque é que este poeta agrada tanto ao leitor actual».

Um território extravagante

Contrariando algumas vozes, que já em 1985, durante as comemorações do

cinquentenário do seu falecimento, proclamavam a «morte de Pessoa», o interesse e a paixão pelo poeta parece não pararem de crescer. Das dezenas de edições em Itália às exploratórias traduções em japonês e chines, Fernando Pessoa e a sua corte de heterónimos estão presentes nas principais línguas do globo. Como disse ao EXPRESSO a professora Cleonice Berardinelli, de 71 anos, a única brasileira a trabalhar na fabulosa «arca» dos tesouros pessoanos, o interesse da juventude pelo poeta é cada vez maior. «Essa angústia existencial que se revela na sua obra, essa insatisfação, tudo isso é muito semelhante ao que a juven-

tude está experimentando. Eu acho que eles, os jovens, se sentem em consonância com o poeta. Também há um outro aspecto, a heteronímia, o facto de Fernando Pessoa ser ele mesmo e mais este e aquele, desperta a curiosidade: Que poeta é este que não é só um mas quatro, cinco ou seis? É a vontade de entrar num território que é um pouco extravagante.»

com Isa Sales Freaza no Rio de Janeiro, Ana Navarro Pedro em Paris, Angel Luis de La Calle em Madrid, Tony Jenkins em Nova Iorque, Teresa Guerreiro em Londres, Carlos Martins em Bona e Teresa Monteiro em Lisboa

Pessoa lá fora

EM diversos idiomas, traduzido ou objecto de ensaios em vários países do mundo, eis algumas das primeiras edições de ou sobre Fernando Pessoa:

FRANCÊS

1930 — Pierre Hourcade escreve «Rencontre avec Fernando Pessoa», em Contacts, 3, Paris.

ESPAÑHOL

1944 — Rafael Morales traduz, em Garcilaso, de Madrid, «Qualquer música...»

ITALIANO

1945 — M. Gasparini traduz, em Poesia, de Milão, quatro poemas.

INGLÊS

1955 — Edouard Roditi traduz em Poetry n.º 87, de Chicago, vários poemas.

ALEMÃO

1956 — Paul Celan e Edouard Roditi publicam «Fernando Pessoa. Sieben Gedichte», em Die Neue Rudschau Francoforte.

CHINÊS

1959 — Luís Gonzaga Gomes publica a Mensagem, numa edição reservada aos alunos do Liceu Nacional Infante D. Henrique.

CHECO

1968 — Josef Hirsal e Paola Lidmilová publicam, em Praga, Heteronyma.

GREGO

1969 — Germaine Mamalaki traduz dois poemas de Álvaro de Campos para Poesia sem fronteiras, Atenas.

ESTÓNIO

1973 — Ain Kaalep apresenta a selecção de poemas «Autopsühograafia», em Periodika, Tallin.

SUECO

1973 — Arne Lundgren publica Fernando Pessoa. Ett Diktårde, Estocolmo.

ROMENO

1973 — Roxana Eminescu publica «Originalitatea prin anonimat», em Secolul 20. Revista de Literatura Universală.

NORUEGUÊS

1974 — Johann Fredrik Groggaard escreve «Pseudonym. Heteronym. Orthonym — enintroduksjon til Fernando Pessoa», em Vinduet, vol. 28, n.º 4, Oslo.

FINLANDÊS

1974 — De Pentti Saaritsa, aparece, em Helsinquia, Fernando Pessoa. Hetkien Vaellus.

RUSSO

1974 — Surge, em Moscovo, a antologia Portugalsskaia Poezia XX Veka, organizada por E. Golubeva.

POLACO

1975 — Mikolaj Bieszczadowski traduz poemas de F.P. na revista Literatura na swiecie, Varsóvia.

BÚLGARO

1975 — Em Savremennik, de Sofia, Gueorgui Mitzkov traduz «Saudação a Walt Whitman».

HOLANDÊS

1977 — August Willemssen escreve «Fernando Pessoa. De anarchistische bankier» em Maatstaf n.º 5/6, Amsterdão.

JUGOSLAVO

1983 — Mirko Tomasovic traduz a «Ode Marítima» e «Passagem das Horas», acompanhados de um estudo sobre a poesia, a vida e a bibliografia de Pessoa.

CATALÃO

1985 — Aparece, em Barcelona, Poemes d'Álvaro de Campos, em tradução de J. Sala-Sanahuja.

JAPONÊS

1985 — A Editora Sairhusa publica a antologia de Pessoa Português Uni, traduzida por Mineo Ikegami, com a colaboração de J. e M. Alvares.